

homens conhece mais ou menos a sua existência e sua grandeza.”

Ficaremos sabendo muito mais sobre a estranha personalidade de Saint-Yves d'Alveydre quando for publicado o livro de Jean Saunier, *Introduction aux Recherches de Saint-Yves d'Alveydre*.

Já encontramos elementos muito interessantes no trabalho de Jean Saunier, *La Synarchie*, publicado por C.A.L. e Grasset.

Saint-Yves d'Alveydre era um indivíduo muito curioso. Entre outras coisas inventou uma máquina para explorar o tempo, por ele chamada de “o arqueômetro”.

*La Mission de L'Inde en Europe*, foi destruída por ele mesmo, após algumas ameaças. Um exemplar escapou e a obra foi reeditada em 1910 para ser, mais uma vez, queimada pelos nazistas. Um certo número de outros documentos concernentes a Saint-Yves d'Alveydre desapareceram e, principalmente, seu dossiê de funcionário que evaporou misteriosamente dos Arquivos, coisa raríssima de acontecer.

Afirmava ter recebido um emissário do Protetor e entregou-se a um trabalho insano para espalhar uma mensagem real ou imaginária, proveniente da Ásia. O interessante, nas teses de Saint-Yves d'Alveydre, é que ele relaciona o mito — ou a realidade — do Protetor à existência de lugares desconhecidos que, a meu ver, constituem dobras dimensionais da Terra.

O Rei do Mundo, o Protetor, teria à sua disposição um centro, uma central de energia. A respeito deste centro, Mme. Frida Wion (*Le Royaume Inconnu*, edições Le Courier du Livre, 21, rue de Seine, Paris, 6.º), escreveu muito justamente:

“O ‘Rei do Mundo’, o ‘Chefe’, instala seu reino onde ele está e onde lhe parece responder melhor às

necessidades da época. Se existe na lenda uma geografia sagrada, isto só acontece quando do estabelecimento do centro: qualquer lugar se torna sagrado pela sua presença. Do Egito, da China, foi para a Irlanda, e depois para Delfos. Onde estará atualmente? Será que já está num outro planeta?”

Se pensamos que a aventura do Cavaleiro Branco em Lyon aconteceu realmente, podemos concluir que o Protetor, sentindo-se ameaçado, retornou ao centro por caminhos diferentes do espaço normal. Talvez volte novamente, quando precisarmos dele.

De qualquer maneira, esta idéia é muito reconfortante. Seria interessante examinar se o aparecimento da cavalaria simultaneamente no Ocidente e, sob uma forma diversa, no Islã (ver a respeito o notável livro do Pierre Ponsoy, *L'Islam et le Graal*, coleção La Tour Saint Jacques, Denoël), não teria sido o resultado de uma intervenção direta do Protetor.

Não pretendo negar com isto o aspecto da cavalaria que Marx considerou como exemplo de uma “superestrutura”, conjunto de mitos e feitos destinados a defender os interesses de uma classe. Digo que a explicação marxista é válida mas, como quase sempre acontece nas interpretações marxistas, incompleta. Na cavalaria não existem apenas os aspectos econômicos.

Também há, na cavalaria, um arquétipo e este é o do Protetor. Não importa se o denominam o Padre Jean, o Mestre secreto do Templo, ou outros nomes quaisquer; é ele.

Este arquétipo também aparece no Islã (ver, por exemplo, o trabalho do professor Henri Corbin, *Terre Céleste et Corps de Réssurrection*). Mme. Frida Wion cita uma bela passagem desta obra, diretamente ligada às idéias expressas neste livro: dobras secretas da Ter-